

**KATIA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA
(ORG.)**

PEDAÇOS DO MEU CANTO

CRÔNICAS

Pedaços do Meu Canto

Katia Aparecida da Silva Oliveira (org.)

Pedaços do Meu Canto

**1ª Edição
Alfenas-MG
UNIFAL-MG
2019**

© 2018 Direitos reservados aos autores. Direito de reprodução do livro é de acordo com a lei de Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Pedaços do Meu Canto : Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/ebooks>



Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 Centro – Alfenas – Minas
Gerais – Brasil – CEP: 37.130-001

Reitor: Sandro Amadeu Cerveira

Vice-reitor: Alessandro Antonio Costa Pereira

Sistema de Bibliotecas da UNIFAL-MG / SIBI/UNIFAL-MG

Organizadora: Katia Aparecida da Silva Oliveira

Editoração, capa e contra-capa:

Alexia Ferreira Rodrigues de França Antunes
Julia Caroline Silva

Maria Eduarda Savini Inês
Thais de Oliveira Barros

Revisão Textual:

Jéssica Aparecida Oliveira Freire
Julia Rani Marques Bifaroni

Karina de Oliveira José
Regina Oliveira da Silva

Apoio à editoração: Marlom César da Silva

Comunicação:

Ana Beatriz Mamede Franco de Araujo

Thais de Oliveira Barros

Membros da comissão avaliadora do Concurso Pedaços do meu Canto

Prof. Dr. Marcos de Carvalho

Fabrício José da Silva

Prof. Dr. Eloésio Paulo

Bruna dos Santos Caetano

Prof. Dra. Flaviane Faria de Carvalho

Karina de Oliveira José

Prof. Dra. Elaine Ribeiro da Silva dos Santos

Julia Rani Marques Bifaroni

Prof. Dra. Katia Aparecida da Silva Oliveira

Maria Eduarda Savini Inês

Prof. Dra. Fernanda Aparecida Ribeiro

Maria Clara Medeiros

Prof. Mestre Ricardo Russano dos Santos

Mariane de Brito Paschoal

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central – Campus Sede

P371 Pedaços do Meu Canto / Organizadora: Katia Aparecida da Silva Oliveira. –
Alfenas -- MG : Editora Universidade Federal de Alfenas, 2019.
77 f. --

ISBN: 978-85-63473-37-0 (e-book)

Disponível em: <http://www.unifal-g.edu.br/bibliotecas/ebooks>

Inclui Bibliografia.

Vários autores

1. Crônica. 2. Literatura e jornalismo 3. Literatura e cotidiano.
4. Concurso literário I. Oliveira, Katia Aparecida da Silva (org.). II. Título.

CDD-B869.93

CDU-82-9

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva
Bibliotecário-Documentalista CRB6/2735

Pedaços do Meu Canto

elos pedaços que te integram, historicidades, pesos, a pipa que rasga o céu, aromas do rotineiro. Cada pedaço desses cantos é fragmento nas tuas histórias, teu viver que enlaça essas beiradas de mundo, que nossos olhos apalham, retorcem, digerem. O que viveu, vibra, quais sentidos borbulham pelas estradas das tuas veias e navegam nas tuas rotinas? Qual o canto desses pedaços que te encantam, e em um enlace, te abraçam, e talvez no caos, quase dócil, te encaram?

Cantos, beiras, pedaços...

Maria Clara Medeiros

SUMARIO

1	APRESENTAÇÃO	8
	Ana Beatriz Mamede Franco de Araujo Bruna dos Santos Caetano	
2	A CRÔNICA E O CRONISTA	10
	Katia Aparecida da Silva Oliveira	
3	AS LEMBRANÇAS QUE ENRAÍZAM QUEM SOMOS	20
	María Yolanda Nunes Guimarães	
4	AS SEMENTES QUE DERAM ORIGEM AS MINHAS RAÍZES	23
	Rafaella Maria Silva	
5	CAMPO DE ASFÓDELOS	25
	Vinícius Takamune Dos Santos Abreu	
6	CINZA	30
	Vinícius Oliveira de Melo	
7	COTIDIANA CONSTRUÇÃO	33
	Gabrielly Aparecida Araujo	
8	DAS COISAS QUE SOBAM DENTRO DA LATA	37
	Mayra Martins Guanaes	
9	DEFICIÊNCIA CRÔNICA	42
	Leandro Lourenço de Almeida	
10	DESCULPA, BANAL	45
	Gabriel Pereira Nascimento	

11	DES-ENCONTROS	49
	Jussara Cristina da Silva Martins	
12	FIM DO PRIMEIRO ATO	53
	Nataly Rafaela Ternero	
13	NÔMADE	55
	Maíra Aparecida Reis Costa	
14	O ANIVERSÁRIO QUE ANDAVA	59
	Silmara Luiza Órfão Novais	
15	O GAROTO DE VÁRIOS CANTOS	61
	Fabricao Barbosa Mendes	
16	PARTE DE MIM	62
	Jhonatan Zati	
17	PERDA OU PERCA?	65
	Jorge Eduardo Araújo Lima	
18	QUERIDA PAZ	69
	Iana Heyden Gomes	
19	UM OLHAR SOBRE AS SENSACÕES	71
	Maisanara Fonseca da Silva	
20	VEJA BEM, MEU BEM	73
	Vanessa Pereira Terra	
21	PALAVRAS FINAIS	74
	Fabricao José da Silva, Mariane de Brito Paschoal	
	SOBRE OS PETIANOS	76

1 Apresentação

O Programa de Educação Tutorial (PET) - Letras da Universidade Federal de Alfenas, buscando dar visibilidade a novos escritores, incentivar a leitura e produção literária e aproximar-se mais da comunidade, decidiu criar em 2017 o “1º Concurso Literário de Crônicas: Pedacos do meu canto”.

O gênero escolhido para esse primeiro concurso foi crônica, com o intuito de resgatar detalhes, memórias, instantes, brevidades do cotidiano. Com o objetivo de somar ao gênero crônica, importante no resgate da simplicidade cotidiana, uma temática capaz de inspirar os escritores participantes do concurso, chegamos ao tema: “Pedacos do Meu Canto”, que acreditamos abrir caminhos tanto para a memória como para as experiências do dia-a-dia, revelando um olhar reflexivo em relação ao mundo.

O processo de avaliação e de seleção das crônicas foi realizado pelos integrantes do grupo PET Letras da UNIFAL, por convidados e por professores do curso de Letras, que aceitaram o convite para compor a comissão, teria a responsabilidade de estabelecer quais seriam os textos aprovados nessa experiência.

Todo o processo seletivo contou com a participação dos integrantes do grupo PET, desde a concepção do concurso, normas para a submissão de textos, critérios de avaliação, comunicação com participantes ou membros da comissão

avaliadora, revisão e edição de textos até a publicação do livro resultante deste certame.

A quantidade de textos inscritos foi surpreendente, principalmente por ser o primeiro concurso literário promovido pelo nosso grupo. A experiência foi importante para os petianos, incrementando seu espaço formativo, permitindo o contato com diferentes possibilidades de atuação no campo das Letras (revisão, edição, promoção de ações culturais, entre outras), além de permitir o aprofundamento de saberes relacionados aos estudos literários, especialmente sobre o gênero em que se centrou o concurso. Para os autores dos textos aprovados a iniciativa deste concurso oferece um reconhecimento para o seu trabalho de escrita e a possibilidade de mais visibilidade para sua criação.

Esta é a história do primeiro concurso literário do PET - Letras. Esperamos que seja apenas o início de uma longa jornada, com outros concursos, histórias, gêneros literários que possam transformar a vida dos autores e leitores, fazendo com que todos se sintam capazes de criar suas próprias histórias.

Ana Beatriz Mamede Franco de Araujo

Bruna dos Santos Caetano

2 A crônica e o cronista

Katia Aparecida da Silva Oliveira¹

2.1 Sobre a crônica

O nosso cotidiano vem sendo representado pela literatura desde que o ser humano aprendeu a se comunicar. Temos a necessidade de contar nossas histórias e o fizemos ao longo dos séculos de diferentes formas, por meio de diferentes gêneros literários, conforme os fomos criando.

Contamos com uma infinidade de possibilidades de reconstrução da realidade a partir das artes, podendo recriá-la na pintura, no cinema, na fotografia, na música – entre outros – e a partir das palavras na literatura, em formas como o romance, o conto ou a novela, entre tantos outros. Essas formas de representação foram sendo desenvolvidas por nós a fim de sermos capazes de transformar nossas experiências em algo perene, em um registro de nosso olhar sobre aquilo que vivemos.

Como formas de arte e como formas de expressão de nossa humanidade, porém, não podemos acreditar que essas produções se limitem – como se fosse possível – à simples descrição da realidade, nelas imprimimos nossas impressões e anseios, ou seja, (re)apresentamos o mundo a partir de nosso ponto de vista. Pensando especificamente na literatura, podemos

¹ Doutora em Letras. Professora do curso de Letras na Universidade Federal de Alfenas e tutora do PET Letras-UNIFAL desde 2017.

entendê-la como uma forma de registro artístico de nossa humanidade (mesmo no caso de ficções que se distanciem de um relato realístico).

Se considerarmos a história da literatura, podemos dizer que a crônica é um gênero ainda jovem. Ela surgiu como um tipo de relato associado ao jornalismo que buscava discutir eventos do cotidiano, muitos deles apresentados nas reportagens dos periódicos. Esse gênero evoluiu do folhetim, um tipo de texto importado da tradição jornalística francesa no século XIX, que era publicado no rodapé dos jornais e que abordava diferentes assuntos, desde curiosidades a textos literários.

No Brasil, o gênero começou a se transformar em uma espécie de comentário, um texto que a partir de uma linguagem simples, quase como em tom de conversa, aproxima-se do leitor e revela uma leitura particular da realidade.

A aparência de simplicidade, portanto, não quer dizer desconhecimento das artimanhas artísticas. Ela decorre do fato de que a crônica surge primeiro no jornal, herdando a sua precariedade, esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel embrulho, ou guarda os recortes que mais lhe interessam num arquivo pessoal. O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite. (SÁ, 1985, p. 10)

A efemeridade da crônica está registrada em seu próprio nome. Derivada do termo Chronos, nome do deus grego do tempo, a crônica tem em sua essência a transitoriedade, o momento. Essa sua relação com o tempo, porém, é contraditória.

Convencionou-se dizer que o gênero está ligado ao tempo em que é escrito e que, assim como o jornal – que costumava ser seu meio de veiculação –, registra o presente, perdendo-se ao fim do dia. Mas se considerarmos a sua natureza literária, é possível entrever nesse gênero a capacidade de constância, de sobrevivência enquanto arte.

Por esse motivo, talvez, seja difícil definir a crônica. Sua hibridez lhe permite uma inserção no debate atual e, ao mesmo tempo, a sobrevivência ao presente, transformando-se em um registro de valor atemporal. A liberdade do gênero permite ao cronista tratar de quase qualquer tema: da notícia de jornal à memória da infância, do assunto do momento à imagem da janela.

A prosa fiada da crônica se tece com um exercício imaginativo, seja voltado para o circunstancial jornalístico, seja para qualquer outro lado, até o da janela. O processo associativo permitido à crônica pode fazer com que o cronista se desprenda, por assim dizer, da cadeira em que se senta, lançando-se quase a um movimento proustiano de rememoração involuntária. Assim, algumas crônicas podem até mesmo ter a aparência de antichronicas. Carlos Heitor Cony, por exemplo, algumas vezes escreve

crônicas de pura rememoração. Devaneando, ele resgata episódios de sua juventude e infância. Onde está, pois, o *chronos*? No limite, ele usa o presente apenas como uma espécie de mote ou elemento que estimula sua atividade rememorativa e sua liberdade imaginativa, conduzindo-o a um caminho que desfoca a realidade contingente. Pode haver uma espécie de atualização do passado, visto que esse passado assume contornos que brotam do cotejo com o presente. No limite, ainda, pode-se considerar que o texto é cronístico porque revelou de que modo uma situação circunscrita no presente é capaz de deflagrar lembranças muito recuadas, ressignificando-as. (BULHÕES, 2007, p. 58-59)

Como disse Antônio Cândido (1992, p. 20), “a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada”. Assim, podemos pensar que partindo de uma linguagem despretensiosa, na crônica a vida é a fonte de inspiração, já que “tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação” (1992, p. 20).

Essa autonomia que tem o cronista na seleção dos temas, linguagem e sentidos, aproxima cada vez mais a crônica do espaço literário, oferecendo-lhe, embora alguns não o creiam, uma emancipação em relação ao jornal como veículo. No fim das contas, a crônica no Brasil acabou constituindo um gênero literário que, por mais que tenha sua origem na imprensa, ganha

significativo destaque e autossuficiência. Arrigucci Jr. comenta que

[...] seria injusto reduzi-la a um apêndice do jornal, pelo menos no Brasil, onde dependeu na origem da influência europeia, alcançando logo, porém, um desenvolvimento próprio extremamente significativo. Teve aqui um florescimento de fato surpreendente como forma peculiar, com dimensão estética e relativa autonomia, a ponto de constituir um gênero propriamente literário, muito próximo de certas modalidades da épica e às vezes também da lírica, mas com uma história específica e bastante expressiva no conjunto da produção literária brasileira, uma vez que dela participaram grandes escritores, sem falar naqueles que ganharam fama sendo sobretudo cronistas. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 52-53)

A modernidade da crônica condiz com a dificuldade para classificá-la e defini-la. Faz já algum tempo que encontramos as crônicas de diferentes escritores reunidas em livros, distanciando-se de seu veículo de origem. Foi com Rubem Braga, considerado um cronista excepcional, que esse fenômeno começou a ganhar visibilidade: desde 1933 até sua morte em 1990 (e ainda hoje), suas crônicas foram reunidas e publicadas em livros (SIMON, 2011, p. 29).

O processo de evolução do gênero, que vem acompanhando meios de comunicação, revela a velocidade com a qual temos convivido nas últimas décadas. Observamos a forma como os jornais ocupam cada vez mais espaço no meio virtual,

assimilando a velocidade com que a informação pode chegar aos leitores (muito maior do que a que se tinha antes) e incorporando outras formas de interagir com o leitor – com blogs de jornalistas e escritores e atuando nas redes sociais, por exemplo.

Nesse contexto, nota-se que a crônica está se adaptando a essas novas formas de comunicação e propagação, assumindo outros espaços além dos que tinha nos periódicos. Vemos que há crônicas circulando em diferentes páginas e espaços da internet e escritores que se apropriam do gênero sem a pretensão de vincular sua produção aos espaços jornalísticos tradicionais. A crônica tem se reinventado e ressurgido em novos espaços, alcançando os mais diferentes públicos.

2.2 A voz do cronista

A natureza da crônica, sua simplicidade e capacidade de abordar os assuntos sem tirar-lhes a profundidade, é constituída por um trabalho do cronista em estabelecer uma linguagem própria, na maior parte das vezes próxima da oralidade e capaz de registrar os breves assaltos poéticos do dia a dia.

Assim, ela é quase uma conversa da voz do cronista com o leitor. Com um tom de conversa fiada (como dizia Antônio Cândido), o autor cria a sensação de intimidade, de cumplicidade, de reconhecimento:

Parece às vezes que escrever crônica obriga a uma certa comunhão, produz um ar de família

que aproxima os autores acima da sua singularidade e das suas diferenças. É que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo. (CANDIDO, 1992, p. 22)

Não existe um modelo pronto de crônica. O cronista pode se apoiar em alguns elementos, como a brevidade do texto e sua relação com o momento da escrita, mas não há forma fechada. O que o cronista tem que fazer então, é encontrar uma voz que seja capaz de envolver o leitor, aproximar-se de sua linguagem cotidiana, fazendo com que no decorrer da leitura ele se reconheça nas palavras lidas, que perceba como o assunto da crônica lhe toca. O cronista tem que ser capaz de transferir para o seu texto a poesia do cotidiano, abordar questões que ultrapassam as linhas que escreve e que resgatam a nossa humanidade.

Escrever crônicas, assim, pode parecer simples, mas o cronista tem que ser uma espécie de malabarista das letras. Tem que encontrar a cada dia um assunto diferente, capaz de lhe inspirar um texto honesto e razoável ou, ao menos, aceitável para o leitor contumaz. Em uma crônica que discute o fazer do cronista, Vinícius de Moraes comenta:

Alguns fazem-no de maneira simples e direta, sem caprichar demais no estilo, mas enfeitando-o aqui e ali desses pequenos achados que são a sua marca registrada e constituem um tópico infalível nas conversas do alheio naquela noite. Outros, de modo lento e elaborado, que o leitor deixa para

mais tarde como um convite ao sono: a estes se lê como quem mastiga com prazer grandes bolas de chicletes. Outros, ainda, e constituem a maioria, “tacam peito” na máquina e cumprem o dever cotidiano da crônica com uma espécie de desespero, numa atitude ou-vai-ou-racha. Há os eufóricos, cuja prosa procura sempre infundir vida e alegria em seus leitores, e há os tristes, que escrevem com o fito exclusivo de desanimar o gentio não só quanto à vida, como quanto à condição humana e às razões de viver. Há também os modestos, que ocultam cuidadosamente a própria personalidade atrás do que dizem e, em contrapartida, os vaidosos, que castigam no pronome na primeira pessoa e colocam-se geralmente como a personagem principal de todas as situações. Como se diz que é preciso um pouco de tudo para fazer um mundo, todos estes “marginais da imprensa”, por assim dizer, têm o seu papel a cumprir. Uns afagam vaidades, outros as espicaçam; este é lido por puro deleite, aquele por puro vício. Mas uma coisa é certa: o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come. (MORAES, 2010, p. 15)

O trabalho do cronista se firma conforme seus escritos ganham mais que notoriedade, perdurabilidade. Sua obra vai se construindo a cada crônica publicada, a cada registro do presente. A sua voz vai se estabelecendo nesse processo.

Seria possível pensar que para estabelecer a simplicidade e o tom de prosa da crônica, o autor devesse adotar o uso da primeira pessoa. Em boa parte das crônicas isso é verdade, mas não em sua totalidade, pois o cronista tem liberdade para adotar

os recursos narrativos que considere necessários para dar sentido ao seu texto.

Independente da forma, porém, não se pode negar que um marcante aspecto dos textos reconhecidos como crônica é o registro da memória. A memória que se relaciona com o presente, as experiências que permitem reconhecer no momento da escrita e da leitura sentidos que nos levam a contemplar a trajetória que nos trouxe até onde estamos. O cronista recorre à sua memória que reflete tradições, saberes e vivências que são suas, mas que também são compartilhadas socialmente. Em seus textos, o autor trata de si e de memórias coletivas, contribuindo para o registro do passado. É como diz Sá: Reconstituir a própria história individual é um jeito de o cronista nos ensinar a compor a nossa história na condição de pessoas ligadas a tantas e tantas heranças culturais. (SÁ, 1985, p. 15)

O registro do cotidiano nas crônicas mostra assim, perspectivas da realidade como em um caleidoscópio. Cada cronista entende o que vê de uma maneira muito particular e a leitura de suas produções permite ao leitor reconstruir a realidade e o passado – coletivo ou mesmo próprio – como em um extenso quebra-cabeças.

A crônica brasileira desponta, assim, como um gênero breve e com uma forte relação com a realidade e com as vivências humanas, elementos certamente herdados de sua origem no jornal. Porém, mais que essas características, a crônica foi

desenvolvendo tom próprio, uma simplicidade de linguagem que recupera o bate-papo entre amigos, despretenso, a princípio, mas muitas vezes capaz de representar notas de lirismo que se desprendem da nossa rotina.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI JR, Davi. **Enigma e comentário: Ensaio sobre literatura e experiência.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência.** São Paulo: Ática, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CÂNDIDO, Antônio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

MORAES, Vinícius. O exercício do cronista. In: MORAES, Vinícius. **Para viver um grande amor.** Organização de Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SÁ, Jorge de. **A crônica.** São Paulo: Editora Ática, 1985.

SIMON, Luiz Carlos. **Dois ou três páginas despretensoas.** A crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina: EDUEL, 2011.

3 As lembranças que enraízam quem somos

Maria Yolanda Nunes Guimarães²

Se para uma pessoa adulta, hoje em dia, já é difícil ficar algumas horas longe da internet, imagine para uma adolescente que já nasceu, praticamente, com o celular na mão. E era isso que se passava pela cabeça da moça de cabelos ruivos, sardas salientes e de feições aborrecidas, que compunham o seu semblante juntamente a um bico do tamanho do mundo. Já havia horas que ela estava dentro do carro com seus pais e seus dois irmãos mais novos, tendo como destino afastada roça de sua tia.

Durante todo o caminho ela ficou com seus fones de ouvido no volume máximo, se recusando a escutar a explicação da mãe sobre o porquê “desperdiçar as férias de verão no meio do mato, ao invés de ir para a praia junto com as amigas, que era melhor”. Ao chegarem ao sítio, viu que ele se resumia a uma casa ampla e avarandada de fora a fora, com réplicas não muito atraentes de colunas gregas na entrada, branca, com detalhes azuis e portas e janelas de madeira, ou seja, uma cópia fiel das casas de engenho. Além disso, havia um pequeno celeiro, um riacho considerável e um estábulo fantástico.

Enquanto os meninos correram diretamente para os

² Maria Yolanda Nunes Guimarães tem 16 anos, é moradora de Alfenas e estudante do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Apaixonada por livros e, agora, pela escrita, inspirou-se pela temática do concurso e escreveu uma crônica relacionada a sua bisavó.

cavalos, ela e seus pais observaram uma mulher de meia idade, que também possuía um longo cabelo ruivo, abrir a porta e enfeitar seu rosto com um largo sorriso: era a dona do sítio. Eles descarregaram o carro e foram se sentar na área de lazer para matar a saudade, mas ela não quis ficar com eles e passou direto para o quarto de hóspedes, onde ficou se lamentando pela inutilidade do celular naquele momento. Dois dias se passaram e ela ainda estava descontente e reclusa, até que algo lá fora chamou sua atenção: o pôr do sol.

Ela caminhou até próximo à cerca com o intuito de achar um bom ângulo para tirar uma foto que seria postada assim que ela chegasse à “civilização”, mas, no meio do processo, um raio de sol bateu em seu rosto tocando-o como se fosse a mão de alguém muito especial que sempre tinha o dom de aquecer seu coração, sua bisavó materna. Então várias lembranças começaram a percorrer sua memória.

Lembrou-se dos dias em que conheceu cada umas de suas melhores amigas, do primeiro “amor verdadeiro”, da felicidade inexplicável que sentiu, sem mais nem menos, enquanto comia pão de forma com ovo mexido sentada no sofá da sala de estar da sua casa, em um dia ensolarado de sua infância e muitos outros momentos bons. Mas o que mais tocou o seu peito foi a lembrança de sua bisavó lhe falando “vai lá na vendinha e compra uma bolinha de leite ninho para mim e duas para você, mas não conta para a sua mãe” e lá ia ela, no auge de seus cinco anos, toda

saltitante, comprar o doce.

Foi então que ela percebeu que nada, nenhuma rede social ou aparelho eletrônico, ia fazê-la feliz como as experiências vividas no mundo real. Ela não estava com a câmera na mão quando viveu aqueles momentos que, nas horas de dificuldade, servem como consolo e esperança de dias melhores e que, nos períodos de solidão, confortam o coração porque mostram que há pelo menos um pouco de cada pessoa que já foi ou é especial dentro de nós.

4 As sementes que deram origem às minhas raízes

Rafaella Maria Silva³

Como todo ano aqui estou eu, rumo à festa do Marolo. A cada passo que eu dou, sinto mais de perto o cheiro dessa maravilhosa fruta. Fechando meus olhos, lembrei-me de cada ano na escola, onde eu fazia trabalhos, visitava fazendas que tinham a árvore de marolo, sem contar as competições de paródias no teatro. E com certeza é a época mais bonita da cidade.

Continuando a andar, aproximei-me de uma das barraquinhas e encontrei meus amigos de Alfenas, que estudam na mesma sala que eu. Rapidamente já mudei para outras barraquinhas, pois vieram em minha memória as brincadeiras ofensivas que esses amigos faziam comigo por eu ser de outra cidade e, principalmente, por ser a cidade do marolo. Lembrando-me desses acontecimentos, fiquei com uma expressão de tristeza na face. Meu namorado, que também estava comigo, notando minha tristeza disse-me que eu não devia ficar assim, era para olhar ao redor e ver as maravilhas do cantinho onde vivo.

Observando e lembrando cada pedacinho dessa cidade pude perceber que não devia me envergonhar, pois a festa do marolo, o melhor churro da moça que fica na esquina, o

³ Rafaella Maria Silva tem 17 anos e é estudante da Escola Estadual Padre Piccinini da cidade de Paraguaçu, MG.

restaurante que tem o avião e muitos outros, só tem aqui. Naquele momento pude mergulhar onde vivo, pois o que sou hoje, minhas manias, meus jeitos de ser são por cada pessoa que passou pela minha vida, por cada pedaço dessa cidade em que vivi uma história. E, pensando bem, até que é legal meus amigos me chamarem de “Miss Marolo”, deve ser sinal que represento bem o meu canto, não é mesmo?

5 Campo de Asfódelos

Vinícius Takamune dos Santos Abreu⁴

Contarei agora uma história de meu passado, porém não resistirei a mesclar esta memória com meus pensamentos presentes.

Nasci em uma cidade pequena, escondida entre duas serras. Movida principalmente pela agricultura. Um ambiente calmo e agradável, porém, tedioso.

Construções antigas do tempo de seus bisavôs, com a mesma pintura e com os mesmos detalhes. Um espelhamento quase idêntico da profissão e rotina.

Não planejo me alongar mais nesta construção de palco, mas precisava colocar estes pontos para enfim, me introduzir.

Devo concordar que eu tinha uma visão bem imatura e um pouco negativa deste ambiente, essa ideia de um ambiente intocado pelas gerações e de costumes herdados, me caía como tediosa e estúpida.

Sempre me perguntavam: “O que você quer ser quando crescer?”, minhas primeiras respostas eram sempre bombeiro ou policial, pensando agora, nunca exclamei aquelas profissões por uma aspiração ao heroísmo, mas sim esperando viver momentos

⁴ Vinícius Takamune dos Santos Abreu tem 18 anos, é natural da cidade de Piedade (SP), onde também viveu grande parte da sua vida. Graduando em Ciências Sociais na UNIFAL-MG.

épicos e para meu nome sobreviver em notícias ou na memória do povo. Esta memória é a resposta à pergunta deste parágrafo.

Cresci longe de meus pais. Vivi até meus 10 anos com meus avós, em uma casa grande para os olhos de uma criança, junto de um sossego capaz de dar ao som dos pássaros o privilégio do som. Infelizmente, os vizinhos tinham a mesma idade de meus protetores, tirando raras ocasiões que seus netos vinham visitá-los, eu não tinha uma companhia para minha diversão.

Assim, tive que me adaptar, minha avó era professora aposentada e desenvolvi um gosto por leitura, eu li vários livros e ela me incentivava a escrever leves resumos sobre eles toda semana. No fim achava aquilo divertido.

Fora de casa havia um jardim onde eu brincava só e observava as várias plantas cuidadas por minha vó, isto gerou um gosto pessoal por plantas.

Tive a chance de escolher uma planta em uma loja e levar para casa para cuidar. Aquela que mais chamou a minha atenção foi uma pequena planta com algo parecido com várias bocas. Não sabia dizer se era curiosidade pela singularidade da planta ou inquietação de sua bizarrice, porém decidi levá-la.

Com 8 anos na época, gerei um interesse pela planta.

Devo dizer que algumas histórias que eu lia junto com minha fantasia infantil da época me faziam aplicar o antropomorfismo às plantas, seja para dar-lhes personalidade ou

para entendê-las pelos olhos de uma criança. Isto reside em mim até hoje, utilizando devaneios para entender a minha própria natureza.

Os dias de sol tediosos e as chuvas ocasionais que barravam que eu saísse de casa me permitiam observar a minha “criatura”. Vim a descobrir que sua natureza ceifadora vem da falta de nitrogênio no solo, encontrando-o nas moscas.

Deixava ela ao lado da janela de meu quarto, um local em que batia sol regularmente e perto para eu poder atendê-la. Com a chegada do verão, percebi que a quantidade de mosquitos que brotavam em meu quarto era baixa em comparação com o ano passado.

Assim, dei o crédito à planta e minha mente infantil agiu: imaginei se ela não fazia isto só por necessitar, mas sim por um desejo altruísta, esperando o agradecimento ou devolvendo o favor, e ajudando seu cuidador por vigiá-la.

Ainda mais, imaginei se suas ações atroztes contra os insetos causavam arrependimentos ou se havia uma razão para escolher estes seres como fonte de nitrogênio. Ou que sua atrocidade seja algo natural dela.

Mesmo que sua “fome” seja saciada, suas ações continuam as mesmas. Em minha mente infantil dei-me com o fato de que seu mecanismo não era apenas para sua subsistência, mas sim, que gerava prazer ou que se tornou um vício que não era mais possível parar.

Mas há algo que eu não conseguia perceber quando criança: era que estes devaneios firmaram algo em mim. Percebi que nunca queria realmente a imortalidade de meu nome, mas sim reproduzir as mesmas fantasias que tive sobre minha planta.

Iria agora não mais caminhar para um fim de glória, mas sim, faria algo que encontrarei e que eu queira fazer, em realidade não procuro um fim, mas uma eterna caminhada tediosa e interminável. De forma egoísta iria realizar estes atos indiferente de se isto auxiliar indiretamente alguém ou se puder ser lido como algo negativo por outra visão.

Agora que eu penso, é algo cômico. Eu, uma pessoa que repudiava este tédio e perpetuidade, me dedicar agora a seguir um caminho infinito de uma ação que eu tenha prazer. Não vem ao caso, mas esta escolha que eu viria a escolher é a escrita.

A planta morreu algum tempo depois, deixando apenas uma “filha”. Minha criação e meu mentor já não residiam mais ali, porém sua memória residia em sua criança. Sua vida ainda existia não só em minha memória, mas no reflexo de sua descendente.

Este evento modificou minha visão sobre minha terra natal.

Com a falta de grandes ou novos eventos, aqueles de menor escala ou frequentes ganham um tempo maior de “vida” e, se viverem o suficiente, entram para a mitologia da cidade, sendo lembrados por futuras gerações.

Os filhos são facilmente reconhecidos por comentar o nome de seus pais, tornando viva a memória do pai enquanto seu filho viver, e assim que o filho tiver seu descendente e se converter na existência dele, a vida do avô se torna eterna. O espelhamento de costumes e de profissão de seus ancestrais pavimenta mais essa eternidade.

Memórias não tão grandiosas para se corromper com o tempo, gerando repúdio ou inveja, ainda não fracas o suficiente para se dissipar periodicamente com as gerações.

Uma cidade do eterno, criadora de imortais. Só de pensar nessa ideia já me encanto e fico grato de nascer nesta terra. Um lugar protegido por serras e que esconde sua grandiosidade pelo silêncio e simplicidade.

Por fim, assino esta memória tomando o nome de Ahasverus, creio que nenhum nome seria tão justo como este.

6 Cinza

Vinícius Oliveira de Melo⁵

A avenida era longa o suficiente para engolir todas suas lágrimas, mas suficientemente precisa para não o cansar em demasia. Sabia de suas obrigações, dali uma hora e meia deveria estar no seu escritório. A vida era assim, e era necessário ser pontual, afinal, tristezas não pagam dívidas.

Como um clássico, simplesmente atemporal, o céu estava sim, em tons de cinza às 7 horas da manhã. Diversos tons por sinal, pouquíssimas pessoas notariam isso. Mesmo assim, pássaros de ferro e de carne atravessavam o céu, nada havia mudado, o cinza talvez ajudasse em algo, pois, no final, era só cinza mesmo, sem névoa, só cinza.

Sacara seus óculos escuros, companheiro de cada paulista, de cada amigo Pedro. Com passos calmos, caminhava como se pudesse saborear as rachaduras e os chicletes da calçada. Se perguntava se aquilo era realmente necessário.

Sabia inclinar a cabeça de modo que suas lágrimas não aparecessem enquanto espiava as saias e pernas que cruzavam seu caminho.

ring

ring

⁵ Vinícius Oliveira de Melo tem 24 anos, é natural de São Paulo, e atualmente licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alfenas.

Estava ocupado demais para atender qualquer pessoa, se era emergência que morresse, no momento estava prestando primeiros socorros a si mesmo.

Lembrava da música, dançava andando, musicando os passos, tinha algo de mais feliz agora. Era simples, alguns barulhos de sapato no chão, outros portões de lata subindo nas lojas, o caminhão de lixo passando, o vento que parecia não querer que nosso amigo andasse...

Já começaram os ônibus a barulhar seu dia e aos poucos as pessoas, todas nervosas, tornando ao caminho de sempre.

Chegando ao fim da avenida, pega o metrô para retornar ao começo dela novamente, crê que ainda não encontrou a felicidade que procurava.

Novamente no início dela, busca em sua carteira a também clássica foto 3×4 de sua princesinha. O sol brilhava mais forte agora. Realmente era o sol. Sol forte, sol que ergue um clarão rubro que cega e o faz sentar-se no meio fio. Tinha sorte de estar cedo e aquela esquina ser um lugar pouco movimentado. Nada mais que uma praça com portões de ferro de um lado e um café do outro.

Talvez o caminho natural fosse aquele mesmo, tudo muda. Um pequeno momento que existia ali e que não seria lembrado se não fosse o autor que quer cravar na eternidade seu sofrimento. Corria os olhos pela rua de modo a procurá-la, que clássico... Voltava à foto. Cachorro, gato, pombos, todos vinham

admirar seu dia e rir do seu pranto. O velho homem, a velha avenida.

Conserva, muda, nega, nega.

Acorda.

São 6:40 a.m.

Estranho sonho pra um dia que já iniciava com o quarto claro de um sol que anunciava timidamente sua presença, pra um dia que seus gatos brincavam ao pé da cama com suas bolinhas de lã. Podia ele ser triste dessa forma? Parecia tudo tão bem, talvez o ombro só um pouco dolorido, mas nada além. Despia-se e no espelho via uma imagem aceitável. Dava mais graças por ter um espelho daquele tamanho e um banheiro em que coubesse.

Abriu a torneira para encher a banheira e sentou-se à pequena banquetta de madeira que usara para trocar a lâmpada que queimou no dia anterior. Observava ali o que tinha se tornado, as unhas e a barba a fazer, que apesar das críticas de seu pai, não afugentava as moças. Enfim, anos depois de tudo, algo bom deveria acontecer, pelo menos era querido.

Entrava na banheira, a água gelada o acordava novamente.

Não sabia onde estava, mas dessa vez definitivamente estava acordado. Jogado como papel molhado em uma almofada de seu tamanho em um quarto estranho, quente, com uma luz muito forte que parecia seguir seus olhos por onde quer que fosse. Alguns quadros com traços finos e monocromáticos podiam ser vistos de seu ângulo torto.

7 Cotidiana construção

Gabrielly Araújo⁶

Tratei de levantar-me rápido.

Quem me visse, apostaria que estava assustada, de tão afobada. Arrumei a cama, deixando a simetria perfeita na colcha. Liguei o computador, mas ainda não verifiquei. Peguei o café, pão, leite... sentei-me a comer. A xícara preta, grande, leite, café, mexer. Manteiga. Ao meu lado uma cachorra saltava

pão

pão

pão

Como é que era seu nominho? Chequei o e-mail, a loja de livros, as ofertas. Tudo é oferta. Desejo comprar uns livros, mas ainda não, coloco uma música e amarro os cabelos. Vassoura varre, organizo, ordeno. A necessidade de acabar com o caos vem

⁶ Gabrielly Araújo tem 24 anos, é graduada em Letras com habilitação em Espanhol pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG. Atualmente é mestranda em História Ibérica pela mesma instituição. Publicou seu primeiro poema em 2016 na Concurso Nacional Novos Poetas - Prêmio Poetize.

lá de dentro, resquício dos antepassados. Se eu organizo, sou mais humana – mas o caos interno grita e ri histericamente. Que dia é hoje mesmo?

Ah, sexta.

Sim sim sim. Sexta é o dia de limpar. E tem de ser rápido. Varro, limpo, brilho. As roupas no tanque. Ligar médio normal. A roupa gira e gira e gira, e tenho de parar de olhar porque ela me lembra algo que esqueci. O que esqueci mesmo? A roupa lava. Meus gestos são automáticos então minha mente pode viajar. Toda sexta, sexta?, sextal, tenho de limpar e esfregar e lavar rápido. Logo ele chega em casa. O último ônibus, tem de vir nesse. Intermunicipal. Interuniversal ligando meu coração ao dele. Espano o pó do guarda-roupas, do sofá. Faz muito tempo que não vejo televisão, desde o desespero político que se abateu sobre mim. A mídia, violentamente enganosa, criava e mentia e ficcionava como um escritor romântico. Narrativas sórdidas de gente pobre. Narrativas mágicas de gente rica. Parei.

Nunca fez falta, no final. O banheiro. Limpo limpo, jogo água. Esqueci alguma coisa. O que foi que esqueci? Na biblioteca, tiro uns minutos para admirar a coleção. A cachorra vem ao meu encontro. Balança o rabo, me olha de lado, se joga no chão. O que eu esqueci? Já é hora do almoço?

Nãonãonãonãonão.

Ainda não. O que vai ter pro almoço? Meu pai não me deixou nada hoje. Vou ter de cozinhar. Não é meu lugar preferido no mundo. Arroz, feijão, alguma salada, carne não. A cachorrinha salta salta salta.

Quero que dê sete horas logo. Meu amor vem me ver, no último ônibus. A demora é interminável. Dou comida a minha companheira e a mim. A roupa fica pronta. Agora tem de secar. Vai secar rápido. O sol estala no céu. Varri limpei lavei. Terminei. Ainda falta muito, no entanto. Procuo algum filme, distração. Encontro uma série, boa, suspense, vai prender a atenção. Vejo a série na TV, pelo menos pra isso ela me serve. A TV é de meu pai. Ele deve chegar já já. Vejo a série, cochilo e vejo de novo. Quando me dou conta, já era para o pai estar aqui, onde ele tá? Me reviro na casa, vazia. Os móveis que tanto conheço. Onde está o meu amor? Já passa das sete, já passa de tudo. Uma dorzinha martela minha têmpora. Vou sair a procurar, o pai, o amor. Tento a porta mas não encontro a saída. Chamo, bato grito. Não encontro a saída em minha própria casa! Choro. A cachorra me olha, como se questionando. Tento me acalmar, mas grito. Como? Eu sei onde é a porta, mas toda vez que me dirijo até ela, sinto-me corroer a dor na cabeça. Acho que esqueci

alguma coisa... desesperadamente procuro um espelho. É impossível que não haja nenhum! Mas não há. Então, lentamente, olho para minhas mãos. Elas não são minhas. Grossas e rudes e velhas. Rejeito minha aparência. Não! Lembro-me de esquecer tanta coisa...

8 Das coisas que sobram dentro da lata

Mayra Guanaes⁷

Tenho uma lembrança meio opaca, em algum lugar na minha memória, como uma fotografia velha que fica em cima de uma mesinha qualquer com inúmeros objetos que vão se sobrepondo e ocupando espaço. Vez ou outra, tiro os objetos da frente e olho para essas fotografias que não foram reveladas, não foram realmente batidas por alguém. Aparentemente, não pareciam momentos dignos de registros ainda. Por teimosia ou afeto, entretanto, minha memória fez questão de guardá-los. Há o meu pai na cozinha, sentado em uma cadeira de aço, na ponta da mesa retangular. A minha mãe está ao lado dele de frente para mim e eu estou sentada na cadeira que fica encostada na parede como eu sempre fazia. Eu digo qualquer coisa que me parece sem importância agora, uma pergunta, talvez, um pedido que ele tenta atender do jeito dele depois do jantar. Ele fala: "Pega lá." Eu arrasto uma cadeira até a segunda porta de cima para baixo, esquerda para direita do armário de madeira branco que fica à direita do banheiro, um desses banheiros que alguém resolveu fazer perto da cozinha e inutiliza depois porque descobre que não é uma ideia assim tão boa, e de lá do armário puxo com uma das

⁷ Mayra Guanaes tem 27 anos, é formada em Letras pela UNIFESP e realiza pesquisa de mestrado na mesma instituição. Atualmente é professora, escreve para o blog Impressões de Maria, produz eventos culturais e ministra oficinas de criação literária.

mãos uma lata de leite condensado. Levo até a mesa e antes de sentar-me novamente, ele diz: "Pega o abridor aí pro papai." Minha mãe estava provavelmente fumando o antepenúltimo cigarro antes de dormir. É bem provável que ela tenha levantado a sobrancelha ao contemplar essa cena. Eu o observo atentamente, aguardando a tarefa que ele vai desempenhar. Ele diz: "Olha aqui uma coisa." Faz um furo na lata e toma o leite condensado por ali. Depois passa a lata para mim e faço o mesmo. Minha mãe não diz nada, talvez não tenha visto a quantidade de leite condensado que eu estava ingerindo. Algo revolucionário percorre meu pensamento infantil: tomando o leite condensado pelo furinho, não é possível saber a quantidade de doce que estamos tomando. Logo, poderia tomar a quantidade que eu quisesse.

Todas as latas passaram a ser abertas dessa forma. Não lembro quem tomava mais, se eu ou meu pai. Mas devo ter dito algumas vezes que tinha sido ele quem tomou mais ao sermos questionados pela minha mãe. É provável que em algumas dessas vezes eu estivesse certa. Em outras, talvez, eu estivesse brava por ouvir da minha mãe: "Mas já acabou? Abriram aquela lata antes de ontem." Há muito tempo que o meu pai fazia isso, uma mania, passada naquele dia como uma herança, uma tradição familiar. Desde a adolescência, meu pai tinha esse hábito de fazer um furinho na lata, tomar um tanto, dar uma voltinha pela casa e depois como quem não quer nada, trombar com a geladeira por

acaso e pegar novamente a latinha para uma segunda dose. Porém, tudo que é bom dura pouco. Depois de um tempo de lata aberta guardada na geladeira, o leite condensado endurece e só é possível pegar aquele restinho depois de abrir a lata toda. Era preciso admitir então que o fim estava próximo. Era bem nesta parte do processo que mais uma vez havia a intervenção da minha mãe, que era sempre quem mandava em tudo, a dona das leis lá de casa. “Eu vou abrir para você, mas é para esperar um pouco antes de abrir a outra, você está comendo muito doce.” Nunca havia uma bronca reservada ao meu pai. E só havia leite condensado no começo do mês, era o doce incluso na compra que eles faziam depois do dia do pagamento. Parece que ainda assim, as latas nunca supriam as doces demandas minhas e do meu pai, de modo que do meio até o final do mês era a fissura, porque já tínhamos acabado com todas as latas disponíveis no armário e assim esperávamos até o pagamento seguinte. Lembrome bem da evolução das embalagens das latas de leite condensado. Houve uma época em que era possível comprar uma latinha bem pequena com menos de três reais, e era possível abri-las sem o uso de abridores, porque tinham um feixe que lembrava aqueles das latinhas de refrigerante que qualquer criança com um pouco de experiência era capaz de abrir. Mas essa não durava nem um dia e gerava discórdia entre meu pai e eu porque eu sempre tomava tudo de uma vez. Anos mais tarde chegaram as edições em tubinhos. O leite condensado vinha então em um

saquinho comprido que dava para abrir com os dentes. No mesmo estilo tinha ainda os tubinhos nos sabores morango e chocolate. A retirada de circulação desse produto do mercado deve ter causado um dos traumas da minha infância. E sou a favor de que o leite condensado em tubinho volte junto com essa nova velha moda dos tênis com luzes, populares na década de 90 e atualmente também. Já a minha passagem para adolescência deve ter acontecido em minha vida assim que aprendi a usar o abridor de latas para retirada de tampas de alumínio sozinha, sem produzir cortes nos dedos. Saber abrir uma lata é, sem dúvidas, um dos grandes passos que damos em direção à nossa emancipação enquanto seres humanos. Já a vida adulta nos é apresentada com o fato de podermos comprar latas de leite condensado com o dinheiro do nosso trabalho, sem depender da nossa família. A vida adulta é cheia de surpresas, aliás. Quando somos adultos já sabemos abrir latas sem grande risco de se cortar, mas, agora, o leite condensado também é vendido em caixinhas de papelão que podem ser abertas usando tesoura. As crianças de hoje não têm mais dificuldade. É muito mais fácil agora, mas pensando bem, sem o desafio de abrir uma lata e a sensação de superar essa dificuldade, seria outra infância que não essa registrada em minha memória. É estranho, mas às vezes acontece de não morarmos mais com a nossa família. Os produtos do mercado mudam sempre e parece que a nossa vida também. A hora das refeições é sempre a parte mais triste porque

evidencia a passagem de tempo. Não somos mais aquelas crianças que dependem de um adulto. Nós somos os adultos agora. De repente, somos nós que temos a preocupação de garantir se haverá leite condensado no mês seguinte. E nem sempre é possível, mas quando é, os dias são menos amargos. Ontem depois de mais um dia cansativo de trabalho, abri a geladeira e eu sabia que a caixinha de leite condensado, que eu havia aberto na noite anterior, estaria lá me esperando. Afinal, não há com quem dividir. Tinha sobrado bastante leite condensado, estava cremoso e geladinho, quando tomei pelo furinho, sem me preocupar se tinha alguém me vendo, foi como se essa experiência me puxasse para dentro de uma dessas fotografias antigas que só existem em minha memória, fechei os olhos e senti aquele gosto, era gosto de saudade.

9 Deficiência crônica

Leandro L. de Almeida⁸

Coloco-me num terrível e árduo trabalho de pesquisa e dúvida. Chego à conclusão de sequer saber do que se trata uma crônica, de total antemão e em detrimento daqueles que arrogantemente afirmam saberem de que se trata, mas não o sabem. A caminho de casa, vou pesquisando páginas e mais páginas na internet do celular e não me sinto, momento nenhum, satisfeito. Que diabo tem de diferente entre essa crônica e um conto que costumo, vez ou outra, fazer por diversão? A crônica é simples, rápida, objetiva e trata de fatos corriqueiros do cotidiano. Se o conto não faz isso, não sei mais o que é, sinceramente. Venho caminhando a sentir no rosto o resto daquele sol de tarde que não é quente, mas incomoda; não é todo luminoso, mas ainda esquenta. Junto de mim, a companhia de mim mesmo e da minha própria sombra, amiga inseparável. O sol faz com que eu a emita e ela imita a mim, acreditando nas mentiras das quais juro eu a convencer enquanto ela me acredita nas suas verdades. Os carros passam com furor, a relva amarelecida pelo mesmo sol que me castiga, balança ao vento, os cães ladram: um na coleira, outro alforriado (e ambos a se invejarem com os focinhos). Uma nuvem que faz o crepúsculo parecer meia-noite se espreguiça

⁸ Leandro L. de Almeida tem 27 anos, é graduado em Letras pela UNIFAL-MG e atualmente é professor.

enquanto um pássaro amarelo dor-no-olho pousa nos galhos da loba e se sente feliz por não saber ou ter que fazer nada mais além disso. Crianças e suas mães saindo da escola; talvez os últimos daquele dia: retardatários com tempo. Outros pássaros, que também acompanham suas crias, estão indo igualmente para suas casas: o dia de estudos na escola da natureza foi bem mais rude que o das crianças de quem falei anteriormente. Doem os meus pés enquanto a vida passa e eu passo pela vida a dividir espaço e tempo quando, em suma, eles são a mesma coisa. Ah, se fosse eu continuar a passar e se me perguntasse um tanto quanto mais, teria as respostas na prática e, na certa, sem pesquisa. De que serviram essas miseráveis páginas de teoria que garimpei? Finalmente compreendo. Escuso e vidrado não me apercebia, como agora, que são feitas de crônica todas as minhas sucessões ao longo da minha existência e do tempo. Talvez seja ela, a crônica, a verdadeira poesia em forma de prosa. A cada segundo deparo-me com sequências irrisórias de narrativas atômicas. Junto os prótons e os nêutrons e produzo essa energia que há no cronista. Nem sei o que é uma crônica: provei da fonte. Os cães, o mato, as gentes, as construções, o caminho e até a chave de casa que não acertou em duas, três tentativas seguidas a fechadura e que me fez conferir se era a chave certa. Tão de repente se inicia como pode se encerrar tal qual a sombra que se envergonha atrás de uma penumbra ou a ave que no instante de uma olhadela não está mais na rama amarga. Fiz nascer um livro de crônicas no

caminho do trabalho até em casa. Resta-me plantar um filho e escrever uma árvore.

10 Desculpa, banal

Gabriel Loffi⁹

Não sei, mas acredito que escrever é além do criar tratados, teses ou textos banais. É, antes de tudo, observar, fugir da montanha-russa de afazeres por um instante e prestar atenção no voo desengonçado do besouro, até vê-lo bater novamente em cheio na parede e virar com as pernas para o ar. É numa conversa corriqueira do cotidiano, olhar para os lábios do outro e no rubro do canto direito da boca, tentar adivinhar o impossível. Será que ele comeu no café geleia de morango ou de goiaba? Estou divagando, li por aí que não devo fantasiar. Porém, isso também faz parte do meu canto, por isso não pude deixar de fora. Pela manhã, é o latido do cão da casa ao lado que me põe de pé, mesmo eu sempre praguejando contra sua vida, sei que vou sentir falta desse hábito um dia. É a chaleira que me encara quando ao passar pela cozinha como quem diz “você está atrasado!” É, eu sei, hoje o cachorro não quis muita conversa logo cedo. Com a chaleira e a água do café no fogão, lentamente preparo o filtro e antes de colocar o café, respiro o aroma que me invade as narinas e me prepara para o dia. Vou ao quarto, janela aberta fico olhando o movimento dos carros e dos transeuntes, sempre

⁹ Gabriel Loffi nasceu em Baependi no interior de Minas Gerais, é graduando em História pela Universidade Federal de Alfenas e acredita que Capitu não traiu Bentinho.

apressados. Opa, deixei a chaleira no fogo, volto para desligar a água quente, com cuidado para não a deixar ferver. Dizem por aí que queima o café, melhor não arriscar. Levo uma xícara desse café para a escrivadinha, para ler um pouco sobre o que estão dizendo por aí nos jornais. Voraz, devoro colunas, editoriais e o que mais esteja em destaque. Sempre me frustro. O assunto é o mesmo, o deboche da política nacional. Fico ansioso. Resolvo ir para os esportes, mas lembro que é terça. Só quarta e domingo Tostão escreve. Vou então ler os textos da aula para esquecer. Leio sobre os anos de chumbo no Brasil, sobre um “milagre econômico” às custas de um aumento de repressão estatal violenta e em cima de um fosso da desigualdade social. Frustrame novamente. Mas frustração também faz parte. Não só do belo e do sublime que a gente vive. É também sorrir sozinho ao ouvir uma música que fala sobre o herdeiro de uma pampa pobre, e gostar de ouvir sobre algo ordinário.

Depois do almoço, o tédio é interminável. O sol já está de torrar os miolos, as costas grudam na cadeira, o cachorro agora volta a latir, para completar a tarde com a companhia do cacto que ainda resiste por entre os livros na escrivadinha. O sol vai baixando, mas não o espero se esconder por completo para ir para a universidade. Com um sol mais tímido me encaminho por entre as calçadas da universidade, sempre desviando dos conversadores entretidos que fecham a passagem. A aula é quase sempre interessante. Quer dizer, isso quando não estou

encarando o meu relógio no pulso esquerdo, onde o ponteiro pende vagarosamente para o canto até completar o círculo e ter passado só mais um minuto. Já em casa, é hora de jogar a mochila na cama e ir para a cozinha novamente. Mesmo com uma noite quente, é hábito colocar novamente a água para esquentar. Sempre gosto de ler antes de dormir com a companhia de uma generosa xícara de chá de hortelã. Com a xícara e o livro entreaberto nas mãos, lembro de casa. Não dessa, mas da minha outra, de onde eu ganhei o gosto pelo chá, quer dizer, gosto por chá de hortelã. Lembro-me da hortelã no quintal de casa e da minha avó ao sugerir toda manhã, se eu não gostaria de uma xícara do chá esverdeado. Sim, eu dizia sorrindo. Agora, me vejo da mesma forma, com os lábios puxados e pensando na Vó Clarice. Lembro de que faz alguns dias que nós não conversamos, e que às vezes sinto vontade de voltar para minha cidade cheia de ruas de pedra sabão e ir à praça da matriz para sentar no coreto. Voltar para a casa, para o meu canto. O sentimento é passageiro, porque sei que aqui também é meu canto, como amanhã será ainda outro. No olhar ao redor, a gente resgata todos esses lugares a nossa volta, onde entre chás de hortelã, cães danados e quiçá amanhã, no barulho do giz riscando o quadro negro, reúnem-se todos esses pedaços num só recanto, dissolve-as, e as remonta novamente no beijo do canto da face de hoje, que faz eu não conseguir me livrar da dúvida de entender se o perfume que senti ao tocar em sua bochecha era o que ela havia comprado na

loja chique do centro ou da flor lilás que descansava em sua orelha. Dúvidas ordinárias? Talvez, mas quem não as tem em seu ser?

11 Des-encontros

Jussara Martins¹⁰

Bem, as malas estavam prontas, enfileiradas em ordem crescente, próximas à porta de saída. Na parede, os ponteiros do relógio pareciam se arrastar, como se lhes custasse muito uma volta a mais e pensei que, talvez, eles pudessem me compreender.

O táxi ainda não havia chegado – afinal, ainda faltavam duas horas para o combinado. Cigarro e isqueiro nas mãos, fui até o jardim, ainda sem muita iluminação depois que uma das lâmpadas queimou na última semana. Acomodei-me, desconfortável, não por culpa da pedra que escolhi como banco, mas por outras culpas que me doíam a coluna e o coração. Acendi o cigarro e meus olhos doeram; Pensei que deveria ser dor de choro ou da fumaça que subia da fogueira que ascendi entre meus pulmões para queimar memórias na inquisição que impus a mim mesma.

Na cabeça, ainda ressoava o que o tempo disse: “Você não pode mudar o passado. Ele sempre foi. Ele sempre será, mas eu ousaria dizer, você pode aprender alguma coisa com ele...”. Cronosfera quebrada, pensei. Sem voltas, concluí. E pude sentir o desespero dos olhos do Chapeleiro estampados nos meus...

Algum tempo passado e o táxi buzina no portão dos

¹⁰ Jussara Martins nasceu em Boa Esperança e foi criada às margens de Furnas em Fama, MG. Licenciada em Letras, pela UNIFAL-MG.

sonhos, saio carregando malas pesadas, carregadas de passado e histórias. Hesitei em levá-las, uma vez que para trazer novas experiências carecesse de espaço para cabê-las.

Os relógios pareciam não ir com a minha cara, pois esperei por mais duas horas no aeroporto. Quando a voz no altofalante ressoou: “Passageiros do voo 357 com destino ao País dos Sonhos, encaminhar-se ao portão de embarque!”.

Já na fila, com as mãos suando frio, (nunca havia voado de avião) uma moça se colocava atrás de mim – morena, estatura média e uma beleza única, de modo que me chamou atenção.

Entro no avião, sento-me no local predestinado, olho para o lado, a linda moça morena da fila viajaria ao meu lado por 12 horas seguidas. Sento-me timidamente a seu lado e eis que ela começa um assunto qualquer...

- Tenho medo de altura, você pode segurar minha mão?

Eu, que sempre me disponho a ajudar, não pensei duas vezes em segurar sua mão e começar um discurso de superação a fim de distraí-la.

Conversamos por horas a fio, sem notar que estávamos chegando ao destino.

Alice era seu nome.

Lindo nome, linda Alice.

Me contara toda sua vida, suas viagens, amores...

Pousamos e sem querer, tivemos que nos despedir, uma vez que, agora em chão firme, cada uma tomaria um rumo

diferente.

Uma das despedidas mais difíceis, eu diria. Alice se tornara uma das únicas pessoas que me fizeram querer conversar e levar comigo para onde quer fosse no novo país. Sonhar sozinho tem suas desvantagens.

Tolas. Não sabíamos que a viagem nos traria mais uma surpresa. Já na entrada do hotel onde ficaria hospedada, avisto a linda moça no balcão de recepção. Caminho até o balcão, já que também teria de fazer o check-in, coloco a mão direita sobre seu ombro e beijo-lhe o rosto.

_ Olá Alice. Você por aqui?

Eu disse em tom de piada. Rimos e nos abraçamos em seguida.

A ironia do destino no País dos Sonhos nos deixara assustadas, mas bastante contentes com a surpresa. Combinamos um café antes do anoitecer e assim o fizemos. Viciadas em cafeína, este era só mais um ponto de identificação em mais 4 horas de conversa sentadas no café ao lado do hotel.

Alice e eu passaríamos e passamos exatos 30 dias vivenciando juntas essa viagem. No roteiro estavam adegas de vinhos, teatros, museus, bares e até balada em um dos sábados nós pegamos. E foi exatamente neste dia, já embriagadas de vodca e cerveja artesanal, embaladas pelo som eletrônico que tocava na boate, Alice e eu nos olhamos fixamente. Segurei sua mão esquerda com minha mão direita e nos beijamos. Isso seria

ótimo, se não fosse nossa última noite no País dos Sonhos.

Chegando no hotel decidimos dormir no meu quarto, abrimos um vinho seco safra 1980 e abençoadas por Baco nos amamos na última noite juntas. Seria essa realmente a última noite? Fato é que às sete da manhã eu voltaria para casa e Alice continuaria sua viagem. Alice se foi, e nem mesmo Absolem pode me dizer onde encontrá-la.

E cá estou eu, de malas feitas, desfazendo o que restou das maravilhas deste país que nos coube tão bem.

"Com quantos tragos te trago pra mim? (Alice)"

Elizabeth Owl

12 Fim do primeiro ato

Nataly Ternero¹¹

Daqui a uma hora, irei ao teatro. O teatro, no momento, é o que menos me importa – estou ansioso é pelo processo. Até chegar ao velho prédio central são muitas ruas, ruas tão velhas quanto me sinto. Enquanto passar por elas, sentirei meu rosto em brasas e abaixarei a cabeça, impotente. É que elas me conhecem todo, muito mais do que eu a elas. Elas sabem tudo. Até hoje, me fizeram o favor de não contar esse tudo a ninguém, mas nunca se sabe.

Um exemplo: quando eu passar perto da rua tal, esquina da escola tal, essa tal rua vai rir consigo mesma ao se lembrar do quão desajeitado eu estive quando dei meu primeiro beijo debaixo da árvore tal. Isso foi há cinco anos, mas ela ainda se lembra do amplificar das batidas do meu coração. E a praça x (tenho certeza de que todos sabem qual)? À sombra daquelas copas e daqueles caminhões, quantos casais? É coisa de fazer corar a qualquer um.

Há dias nos quais eu olho para os horizontes da cidade e eles se estendem, muito lentamente, esmagando a mim e a todos os meus sonhos. Seus eucaliptos infinitos parecem (ou não parecem – de fato o fazem) que me empurram para o meio, para o centro, para a concha acústica. Há domingos nos quais tenho a

¹¹ Nataly Ternero tem 21 anos, é do interior - tanto de Minas quanto de São Paulo - e graduanda em Letras pela UNIFAL -MG.

total certeza de que estive a minha vida toda andando ao redor dessa praça, bem como meu pai, e minha avó que usava colônia nos dias de missa, e meu bisavô coronel que não conheci. São tantos anos flertando com garçonetes e tantas décadas trocando figurinhas e tantos séculos vendo dentistas e suas maletas cheias de materiais de tortura! O que mais é a vida, senão um jaleco branco que às vezes está sujo?

No momento, isso não importa, porque nesta noite irei ao teatro e verei colegiais risonhas e universitários calados. Os conjuntos de bancos frente ao prédio começarão a prosa de sempre: “Se lembra daquela vez que você veio aqui e...”, ao que eu responderei com “Shhhh!”.

Como se percebe, a peça é o de menos perto de todos os ecos dos anos da minha juventude nesse parque sem árvores. A partir do momento em que eu estiver na rua, haverá uma comunhão de segredos de vida ou morte – sobre os amigos que se traíram no cinema ou o cachorro que foi escorraçado da pastelaria do centro. E em noites como essa, percebe-se que há coisas que não precisam ser escritas, já que a vida é assim mesmo: às vezes os carros param antes da faixa, às vezes não; há dias nos quais faz sol e se pode absorver vitaminas sem comprá-las em uma das vinte e cinco farmácias da cidade; os jovens nem sempre estão interessados na peça que está em cartaz e mesmo em algumas noites ancestrais, um homem pode se sentir triste.

13 Nômade

Maíra Aparecida Reis Costa¹²

Presa da pálida fatalidade
De não mudar-me, me infel renovo
Aos propósitos mudos
Morituros e infinitos
Ricardo Reis

À beira da janela, via um corpo magro e ossudo refletido no vidro. Enquanto o lusco-fusco dava à cidade certa beleza peculiar e as lamparinas das casas eram acendidas à semelhança de centelhas vivas no horizonte, naquele sobrado no pé do morro, em meio a garrafas e correspondências, fui tomada por uma necessidade angustiante. Ao longo da vida, por vezes essa sensação quase compulsiva da partida habitou meu espírito. Nessas horas, automaticamente rebobinava a cena do subsequente abandono em minha mente: num dia qualquer eu sairia da cama em meio à penumbra do quarto e abandonaria, para sempre, sem avisos, aquele modo de viver. Seria um rompimento abrupto, como o quebrar das ondas nos rochedos. Depois, à semelhança de um naufrago, caminharia pela praia com

¹² Maíra Aparecida Reis Costa tem 24 anos, é nascida em São Pedro da União/MG, formada em Letras e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Alfenas. Atua como professora na rede estadual de ensino de Minas Gerais.

os cabelos desgrenhados e sujos de areia, enquanto ventos gélidos anunciariam uma tormenta iminente. Com a respiração acelerada e suando frio, voltei à realidade. Abandonei o parapeito. Fechei as cortinas. De pé, olhei ao redor do quarto e considerei cada centímetro dele repugnante. No minuto seguinte desci para a sala, com frio.

Sentada ao pé da lareira, enquanto observava a dança das chamas, tive meu ânimo reestabelecido por recordações mornas. Lembrei-me de um período mais fértil de minha vida, quando meus cabelos eram negros, longos e reluzentes como a ônix. Nessa época, costumava me levantar no alvorecer do dia para observar no jardim o despertar de cada ser. Usava roupas largas e sorria constantemente. Apenas em raros momentos era abarrotada por essa sensação de não pertencimento, a qual facilmente se dissolvia quando me encaminhava à estufa, onde permitia que os sentimentos, assim como as plantas, florescessem. Volvia a terra escura com as mãos, cavava pequeninos buracos e neles depositava sementes de lírio, as quais regava com cuidado maternal, na esperança de que os bulbos em breve germinassem. Ao final da tarde, na cadeira de balanço de pinho construída por meu pai, a vida era embalada por uma brisa calma e por sonetos shakespearianos. Isso me bastava. [...]

Quando despertei as brasas crepitavam suavemente na lareira. Olhei para a janela lateral e me dei conta de que já era dia e, além disso, a entrada estava coberta de neve. Levantei-me e, na

cozinha, enquanto preparava um chá, liguei o rádio. O noticiário belga previa fortes nevascas para a semana. Na sequência, os radialistas trouxeram novas informações acerca do estado de saúde do chanceler alemão e, para encerrar aquele bloco, divulgaram a programação das festividades de inverno da cidade, convidando todos os moradores da vila para a tradicional noite dos ensopados, a qual aconteceria no final de semana. Súbito, sentindo uma espécie de rancor, que pouco depois se transformou em mágoa, recordei-me do porquê eu havia escolhido me exilar na quieta Monschau, longe do Brasil. Em São Paulo, a vida urbana e suas pompas tinham sim, a priori, um glamour inicial que me extasiava, assim como as notícias frescas e a promessa de varões solteiros alimentavam o pobre espírito do senhorio inglês dos romances de Austen, que sempre apreciei. Porém, o brilho momentâneo que eu enxergara no convívio social se extinguiu à medida que a popularidade presenteou-me com o fastio. Na casa de campo jaziam meus lírios e, na cidade, minha vida tornou-se um constante baile de máscaras: à moda da época, eu era exímia manequim: impecável por fora, oca por dentro. O apito da chaleira fez com que eu despertasse assustada daquele transe. Com um gosto amargo na boca, desliguei o fogão, abri a porta da cozinha e saí.

Invadida pela raiva, atravessei correndo o quintal molhado pelo gelo e evitei os gritos empolgados da pequena Sabine, que brincava no balanço dos fundos de sua casa. Subi a

rua à direita e apenas parei, de joelhos, em um lote vazio, alguns metros após o final do pavimento, onde era possível observar a cidade. Trêmula, quis gritar, mas a garganta estava seca. Enquanto via os carros, a fumaça saindo pelas chaminés e a vida continuando, tive o pressentimento de que nasci fadada a escolher os caminhos difíceis. Sempre fui uma mulher que nunca sentiu firmeza em nada, a estabilidade sempre escapou pelas minhas mãos. Desprezo as raízes, não crio sequer um laço sólido. Carrego essa sensação de vazio que me aprisiona, que me sufoca. Chega a doer por dentro, corrói meus ossos, drena meu sangue. É algo que tenho cultivado, lá dentro, que me enfraquece os nervos e que não permite que nada brote sob meus pés. É uma necessidade de liberdade que me tira o fôlego, me deixa instável e faz com que eu apenas paire sobre os lugares, absorva um pouco de cada um, de cada coisa, e prossiga. [...]

Algumas horas mais tarde, fui encontrada por Hans, um vigia local, desmaiada e coberta de gelo. Entrei em coma por sete dias. Durante a lenta recuperação, após divagar sobre a beleza da nevasca, rememorei um poema de Pessoa, que trouxe ao meu peito certo conforto, uma espécie de nostalgia uterina. Percebi, naquele momento, toda a ironia de minha existência: apenas a arte, tão abstrata, tão intocável, era capaz de me transmitir firmeza, mesmo em um momento tão difícil. Sorri. Desse dia em diante, descartei todas as regras que um dia me aprisionaram. Assumi minha identidade nômade e me permiti sentir.

14 O aniversário que andava

Silmara Novais¹³

Dona Zica era uma dedicada mãe. Em sua casa os aniversários eram celebrados com muita simplicidade, porém com muita ênfase e carinho.

Todos os anos ela fazia, religiosamente, uma bela macarronada no dia de cada aniversário de seus três filhos. Durante doze meses, seus filhos esperavam para celebrarem esta festa tão especial. Ela tinha pouco estudo, mas tinha uma imaginação gigantesca, maior que os grandes eucaliptos considerados relíquias daquele lugar...

Faltando um mês para um aniversário, Dona Zica já falava: “– O aniversário já está chegando, já está lá no trevo da cidade!” Faltando uma semana ela dizia: “– Ele já está na nossa esquina”. Seus filhos iam para escola observando cada canto das calçadas dos vizinhos, queriam a todo custo ver o aniversário chegando.

Na véspera do aniversário, a feliz mãe dizia ao filho aniversariante: “– Coloque seus chinelos um do lado do outro na beira da sua cama que o aniversário irá passar debaixo da porta nesta noite”. E, nessas noites, as crianças tentavam ficar

¹³ Silmara Novais tem 30 anos, é formada em Letras pela UNIFAL-MG, mestranda do Mestrado Profissional de História Ibérica da Unifal e professora de Língua Portuguesa na rede estadual de educação.

acordadas para presenciar o grande fenômeno do aniversário passar debaixo da porta, mas o sono e a inocência daquelas almas infantis as faziam adormecer...

Na manhã seguinte, entre abraços e embrulhos nos chinelos, Dona Zica já alertava: “Aproveita que nessa noite o aniversário vai embora para o vizinho do outro lado...”

Assim, um ser imaginário com forma de um bolo de aniversário de duas camadas, coberto com glacê, com mãozinhas e perninhas iria passar pelo vão da porta da casa de Dona Zica e aniversariar outras crianças, em outras casas, em outras imaginações inocentes...

15 O Garoto de Vários Cantos

Fabricio Barbosa Mendes¹⁴

Aqui estou eu, em plenos dezesseis anos, lembrando do meu canto, onde eu buscava refúgio do mundo exterior, onde aquele pequeno menino tímido, antissocial e carente passava suas horas, dias e semanas. Lembrar-se daquele canto me faz refletir, pois atualmente, aquela criança isolada, está mudando.

Agora ela cresceu, saiu da cúpula, fez amigos incríveis que sempre o fazem rir quando está triste, descobriu a dor de um amor não correspondido, mas a cada dia evolui mais, rumo à felicidade.

Agora, aquele canto, anteriormente considerado um refúgio, passa a ser lembrado como um cativo de emoções, que o impedia de viver sua vida. Mas agora, o menino que antes tinha só um canto, tem vários. Isto tudo passou a mudar por causa de um amigo um pouco “explosivo”. Mesmo que tudo não tenha sido intencional para esse amigo, tanto a criança tímida, quanto o garoto de dezesseis anos, só tem a agradecer e tentar retribuir essa felicidade que só se tornou possível graças a ele. E agora, o garoto de vários cantos busca mais pessoas para fazerem parte de todos eles, junto a ele.

¹⁴ Fabricio Barbosa Mendes tem 16 anos, é residente em Alfenas e é estudante.

16 Parte de mim

Jhonatan Zati¹⁵

Acordo com o alerta vibratório do celular, indicando que chegávamos às nove da manhã daquela quinta-feira. Numa tentativa de organizar os pensamentos, minha ação é a de me espreguiçar e passar a mão pelo rosto, assim como fazem os felinos.

No café da manhã, tento listar as tarefas daquele dia. Penso: “preciso comprar uma agenda”. Ou devo usar o organizador do *smartphone*? Não sei. É um caso a se pensar. O que sei é que minha memória já não anda lá uma Brastemp e preciso me organizar – puxa! Que *slogan* antigo. Talvez seja o sinal de que devo me ater ao analógico e adquirir uma caderneta organizadora.

Abro a tampa do meu computador e acesso as páginas de jornais. Dou uma passada pelo caderno de política, com um incômodo dissabor. Notícias ruins, retrocessos, prisões. Muita desgraça. Resolvo ir para as colunas da parte de cultura. Boa leitura. Dei uma olhada nos novos livros, nas exposições e nos filmes em cartaz. Muito, perto do que minha vida provinciana pode oferecer. Talvez eu vá assistir àquela nova comédia

¹⁵ Jhonatan Zati tem 23 anos, é graduado em Letras pela Universidade Federal de Alfenas/MG e é natural da também mineira Elói Mendes. Trabalha como professor e atua como revisor e redator na área de cultura.

pastelão no cinema da cidade ao lado, se sobrar uma grana para o sábado. Preciso dar umas risadas, ainda que forçadas e fabricadas. Maldita Hollywood que eu amo.

Acabo de me lembrar que uma das tarefas a cumprir é a de organizar minha estante onde estão meus livros, discos e materiais de uso na faculdade. Tenho andado mentalmente exausto e todo dia adio essa tarefa, que para mim não é tão simples; o móvel não é muito acessível. Receio que se torne um ambiente insalubre. Uma papelada assustadora. Mas, mãos à obra.

Minha estante fica no canto esquerdo do meu quarto quadriculado e dá de frente para o meu guarda-roupas. Começo pelos livros da repartição do meio. Não são pesados nem em caixas, então consigo realocá-los facilmente. Ledo engano. Fui “abraçar o mundo” e, numa onomatopeia de gíbi, *cataploft*. Todos pelo chão, incluindo eu. Começo a rir da minha própria desgraça e, de repente, encontro algo que não esperava. Encontro o reflexo da minha imagem no espelho do armário que me encara, rijo e envernizado. Embora eu consiga assumir que se trata de mim mesmo, por alguns momentos não consigo me reconhecer. Sinto que minha feição já ganhara traços mais masculinos. A pele engrossou, a testa tem mais expressões – “já sou um homem e não mais um rapaz”, penso, com ternura. Sinto-me como se fosse Alice, olhando para mim e minhas próprias desventuras através daquele refletor.

Olho para minhas pernas. Elas estão sempre em atrito,

feito Esaú e Jacó, numa guerra pela liberdade acorrentada pelo assento almofadado de uma cadeira de rodas. Num rompante, o conflito se cessa, como se eu pudesse sentir por entre meus dedos dos pés a temperatura acalorada da areia da praia. Minhas mãos adormecem com o peso do apoio depositado no chão e olho para elas. Lisas. Macias. Mãos de um homem a quem não foi dada a chance de trabalhar. De viver. Mãos que não sentiram o calor das mãos dadas dos jovens namorados, que não sentiram o afago do corpo que vem de encontro a elas.

Os membros do meu corpo começam a clamar por ajuda. Estamos todos em uma posição desconfortável, em busca pela mudança, porque continuar assim dói. Dói demais. Gostaria de ser João Gibão e alçar voos. Mas não posso, pois desperto com o alerta vibratório do celular e reconheço que ainda tenho muito a fazer.

17 Perda ou Perca?

Jorge Eduardo Araújo Lima¹⁶

Passo a mão na intenção de secar, ainda que parcialmente, parte do banco de madeira. Olho para a árvore que está atrás e acima de mim para averiguar se há alguma chance do passar do vento derrubar muitas gotas geladas de água em mim. Olho para frente e vejo duas crianças correndo, duas meninas, ambas com o mesmo vestido branco de bolinha vermelhas, a correr, falando coisas uma para a outra. Não consigo ler seus lábios, menos ainda escutá-las, o fone de ouvido está no volume máximo, com a voz de Tom Zé a ressoar nos meus tímpanos a melodia da música *Menina (Amanhã de manhã)*.

Levanto a alça da bolsa de couro falso que transpassa em um dos meus ombros e tateio o fundo da bolsa à procura do que eu sabia ser um pequeno pacote de bolachas. Já com ele nas mãos, puxo em sentidos opostos as pontas da folha de estanho e retiro a bolacha em si e, com um leve movimento, levo-a à boca. Penso: *Incrível como estar entre desconhecidos parece me fazer tão bem!* Esta praça é minha favorita, o caminho que as árvores parecem executar, como uma dança trabalhosa e demorada em direção aos céus; os prédios e suas sacadas, razoavelmente antigas, que parecem ter sido meticulosamente pensadas para aquele lugar e

¹⁶ Jorge Eduardo Araújo Lima nasceu em 1993 e em 2018 formou-se em História.

ao fundo, ou ao centro, a catedral, imensa, com arcos todos trabalhados, que parecem entidades vivas, como um rio que sempre corre, mas ao encontro das nuvens. O chafariz nesta manhã está desligado, uma pena! Ainda que tenha essa aparência velha, é sempre prazeroso ver a água caindo e retornando aos canos coloridos.

Reclino a cabeça para a direita e a dois bancos do meu, um casal de adolescente se abraça, parecem felizes. Esse fato me relembra da noite em que conheci Augusto, não nesta mesma praça, mas em uma menor, duas ruas acima. Havíamos combinado de ir ao cinema juntos, era nosso primeiro encontro. Nenhum dos dois prestou, de verdade, atenção ao filme, foi um esforço de transmitir naturalidade que se somava à vontade de tocar na mão do outro.

Reergo-me e percebo que as meninas que ali brincavam, atravessavam a rua, agora, acompanhadas de uma senhora com um vestido azul claro e sapatilhas. Caminho lentamente em direção ao ponto de ônibus, puxo os fones para fora do ouvido e coloco-os dentro da camisa. Então, uma senhora me chama. Ela estava com uma camiseta preta da banda *Ramones* e calça jeans, abaixo de um dos braços um jornal dobrado e nas mãos um pequeno caderno e caneta. *Meu jovem, o certo é falar perda ou perca?* Surpreso pela pergunta, respondo: *É perda, perda de tempo.* Dei uma risada e antes que pudesse falar mais alguma coisa, ela agradeceu e se retirou. Continuo meu trajeto até o local em que

havia uma pequena tenda azul e três pequenos bancos com uma placa escrita ônibus, ainda abobado pela surpresa da pergunta.

Por que será que ela queria saber isso?

Um ônibus verde se aproxima, levanto o olhar e forço a visão para ler o destino no letreiro. *São Cristóvão, é o meu!* Passo as moedas para a cobradora, passo a catraca e algumas pessoas que optaram por ficar de pé perto da porta de saída e me ajeito na última fileira. Vejo um rapaz, com um boné florido, dois bancos na frente, no sentido oposto, encarando-me de rabo de olho. Ignoro-o, esse é um dia só meu, melancólico, metafísico e inevitavelmente redundante. Não quero sair com mais um rapaz aleatório.

Três paradas seguintes esse mesmo moço desce e, pela janela, percebo- o me encarando. Quando tiro meus olhos dele e o ônibus começa a andar, reparo uma pichação em um muro *Perda ou perca? Abaixo ao sistema!* Naturalmente sorrio com um tom de curiosidade. *O que isso significa?* Na minha frente, um casal se vira para o lado e com caras de reprovação parecem querer repreender a moça que fala gritando com alguém pelo celular, mas rapidamente.

O ônibus passa pela antiga trilha de trem, indicando-me de maneira natural que a próxima parada era a minha. Levanto-me e aperto a campainha, já perto da porta de saída. Ele para e desço os três degraus olhando para meu sapato vermelho. Estava exatamente em frente à porta branca e pálida de minha

casa. Ao abri-la vejo papéis que haviam sido empurrados pelo vão que existe entre a porta e o chão. Mas antes de me abaixar para pegá-los contemplo esse meu pequeno espaço.

Não é exatamente uma casa, é um cômodo grande, com uma cama de casal, um tapete felpudo branco, uma bancada, a pia e o micro-ondas. Digo *Oi!* para esses itens, quase como se pudessem responder e contemplo o silêncio. Com os papéis na mão, empurro a porta para fechá-la e caminho em direção à cama para me deitar no lençol cor bege. Afinal, *o que significa perda ou perda?* Reviro-me e começo a olhar os envelopes e folders que havia pegado, entre os boletos e envelopes, um folder vermelho claro me chama atenção, puxo-o e começo a rir instantaneamente. Era a propaganda de um supermercado, cujo slogan era: *Perca ou perda? Aqui você não perde um centavo!*

Dou-me conta da casualidade do destino, entre a situação com a senhora na praça onze e a objetividade, talvez anarquista, da pichação enquanto crítica ao slogan que agora está estampado na minha mão. Contudo, e talvez devido à minha melancolia, pergunto-me: *E eu? Que faço com esse sentimento de perda sentimental do coração?*

18 Querida paz

Iana Heyden Gomes¹⁷

Meu canto poderia ser meu quarto, minha casa, ou até mesmo o abraço de alguém muito especial, mas ele vai além disso. Lá é o lugar mais confortável, divertido e misterioso que existe. Sempre que estou a caminho do meu canto, me encontro na escuridão com frio e sozinha, então eu vejo a luz e a sigo até chegar a uma sala com uma mesa, uma estante gigante e cheia de livros, e a moça alta, de coque e saia nos joelhos que sempre me protege e me guia.

Nesta mesma sala tem um corredor enorme, que se torna um labirinto colorido com milhões de portas, cada uma com uma memória minha (boas e ruins), e cada uma com uma cor diferente (representando a memória). Mas, existe uma porta específica que sempre foi a mais agradável, ela é toda colorida e reluzente.

Quando a abro entro em um jardim lindo, cheio de flores, borboletas e animais fofos e dóceis e, sempre que estou lá me vejo com seis anos de idade, usando um vestido branco com detalhes azuis e sempre estou descalça.

Sempre me sento naquele gramado verde e fresco, encosto a cabeça em uma fonte com a escultura de um anjo, pego um caderno e um lápis deixados lá para mim, e escrevo muitas

¹⁷ Iana Heyden Gomes tem 16 anos e estuda no colégio Sagrado Coração de Jesus. Atualmente tem se apaixonado pela escrita.

histórias engraçadas, assustadoras e emocionantes.

Tais histórias vão para a grande estante de livros que fica na sala, e, mais tarde viram meus sonhos. Queria poder ficar lá para sempre, sem a pressão do mundo exterior, viver somente com minha plena imaginação, meu caderno, meu lápis, a moça que sempre quer meu bem e os animais que sempre me fazem sorrir. Mas não posso ficar a vida inteira meditando e “zanzando” pela minha mente como se estivesse sempre em um parque de diversões. Após colocar o livro na estante volto para a escuridão e, em seguida, para o mundo real.

19 Um Olhar Sobre as Sensações

Maisanara¹⁸

Primeiro chorei e, logo, fui levada aos teus braços. Lá, repousei, com a mente e consciência tranquilas. Dormi feito uma recém-nascida, como afirmam. Depois, não foi só alegria. No começo, era mimada por todos e ouvia vozes ao meu redor, de tantos desconhecidos. Adorava tirar os pés do chão e ficar pertinho do céu, podia até voar, mas só quando você me permitia, suportando todo o meu peso.

Aí passei a controlar os meus pés. Fazia bagunças, acordando cedo todos da casa. Precisava até ser vigiada, já que qualquer descuido era fatal para aquele ou outro objeto da casa. E adorava aquela atenção toda. Saía do chão sempre, pois era independente. E já pulava, sabendo que você me seguraria. Podia escalar montanhas e arranha-céus a qualquer momento. E era só correr pela rua, livre, leve e solta, entre os inúmeros carros, que você já gritava, mandando eu voltar para perto de você, em segurança. A sua segurança.

Depois, as palavras foram saindo da minha boca e eu falava o que me vinha! Era tão espontânea! Porque “quem tem boca, vai até o fim do mundo”, como você sempre dizia.

E, assim, eu fui amadurecendo. Parti da chupeta, trocando-a pela mamadeira, depois pela colher, o garfo. E,

¹⁸ Maisanara tem 16 anos e é apaixonada por livros desde a infância.

enfim, pude usar a faca. Tal como a vida, que flui e evolui aos poucos.

E eu fui crescendo, mas eles eram sempre os mesmos. Assim como o cheiro do café, um dos seus vícios, que toda manhã perdurava pela casa. E o sorriso sincero, as loucuras e manias, além das suas frases de ensinamentos, que, por algum motivo desconhecido, nunca ficavam “batidas” ou “passadas”, mesmo passada a minha ingenuidade, com o passar da minha idade.

Olhos, tudo graças a eles. Os seus olhos, que permaneceram iguais. Os quais, através deles, eu sempre pude ver. TUDO. O mundo. Com os quais também pude me guiar nele. E na vida. E pude seguir seus passos, ver quem você era e ser parte disso.

E eu fui seguindo a minha vida, sempre tendo você lá, onde quer que eu estivesse. Você. A pessoa que me criou, me protegeu e confortou. Pois eu sabia que, com você, mãe, eu poderia ir até o fim do mundo.

20 Veja bem, meu bem

Vanessa Pereira Terra¹⁹

Ouçã bem, meu bem: a vida passa! Hoje olhei no relógio e o ponteiro marcava 10 horas. Pisquei os olhos e a órbita dos planetas já havia se movimentado [ou o contrário, não sei]. Eu, entretanto, ainda permaneço paralisada. Já não sei se há ganho ou perda, prejuízo ou recompensa, o que faço é esperar. Espero a memória se apagar, o coração voltar ao ritmo anterior e os olhos compreenderem o mundo sem pensar no que você assimilaria sobre aquele filme, música ou delírio. Incomoda, eu sei, mas a brevidade das coisas ensina.

O bater das asas é lento, mas o voo é livre. [Silêncio]. Vigilância, meu bem. Há coisas que escapam da nossa consciência e por mais desconcertantes que sejam, você deve conquistar, construir e cultivar. O germinar será lento, mas arrisque-se quando necessário. Aprecie o processo.

Não faça uma simples leitura do real. Olhe o mundo com apreço – o seu e o dos outros. Fique em estado de alerta quanto aos sinais. Se houver equívoco, recomece. Alinhe as velas. Dará tudo certo, ainda que momentaneamente tudo pareça ter dado errado.

¹⁹ Vanessa Pereira Terra tem 25 anos e é Administradora Pública por formação e sonhadora por vocação.

21 Palavras finais

Ao contar com crônicas escritas por autores com idades e origens diferentes, foi possível observar a forma como a relação complexa que se estabelece entre realidade e ficção permite a construção de textos dotados de uma riqueza artística deliciosa.

Ao longo do concurso e especialmente durante o período de avaliação, vimos como a proposta apresentada ao público se viu realizada em crônicas centradas no detalhe e nos instantes que compõem o cotidiano. Em tempos nos quais a cada dia menos se lê, em que a subordinação ao mundo digital se projeta no cotidiano de crianças e adultos, a participação nesse concurso permitiu que por intermédio da escrita cada autor pudesse usufruir do prazer de (re)criar cenas do cotidiano ressaltando boas experiências e lembranças.

Quanto a nós petianos, pudemos ao longo dessa experiência reconhecer possibilidades para nossa atuação futura, conhecendo múltiplas possibilidades de trabalho no mundo das letras. Como leitores das crônicas que compuseram esse projeto, fomos tocados pela criatividade de cada autor, que por meio da linguagem conseguiram construir universos particulares e, ao mesmo tempo, dotados de um lirismo universal. Pudemos sentir saudade junto aos escritores quando o tema das crônicas recupera a família, a avó, a velha casa. Junto aos autores pudemos nos sentir maiores e mais humanos, ao passar a valorizar pequenos

detalhes que constroem o cotidiano. Reconhecemo-nos nas linhas escritas e nos identificamos com quem às escreve. Notamos como o cotidiano é efêmero, e pela sua efemeridade, somos capazes de resgatar a riqueza dos detalhes de nossos dias, ressaltando a sutileza e a grandeza do gênero crônica, que, por sua simplicidade, mostra a sua beleza e a beleza dos “Pedaços do meu canto.”

Fabício José da Silva,

Mariane de Brito Paschoal

Sobre os Petianos

Alexia Ferreira Rodrigues de França Antunes, 20 anos, estudante de Letras na Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o final de 2018.

Ana Beatriz Mamede Franco de Araujo, mineira de coração, natural de Mogi Guaçu, interior de São Paulo, 24 anos, cursa seu último semestre em Letras - Português na Unifal-MG. Ingressou no PET em 2015, seu primeiro ano em Alfenas.

Bruna dos Santos Caetano, 20 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2018.

Fabício José da Silva, 19 anos, natural de Alterosa/MG, discente do quinto período do curso de Letras da Unifal-MG. Ingressou no curso em 2017 e petiano desde 2018.

Jéssica Aparecida Oliveira Freire, 23 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2016.

Julia Caroline Silva, 22 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início 2017.

Julia Rani Marques Bifaroni, nasceu em Alfenas/MG em 1996, e ingressou no curso de Letras na Unifal-MG em 2014, petiana de 2014 até 2019.

Karina de Oliveira José, 19 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2017.

Maria Clara Medeiros, 24 anos, atriz, poeta e performer. Estudante do Curso Profissionalizante de Teatro pelo SATED SP. Petiana durante o ano de 2017.

Maria Eduarda Savini Inês, 19 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2018.

Mariane de Brito Paschoal, 24 anos, estudante de letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET desde 2018.

Regina Oliveira da Silva, 22 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2016.

Rodrigo Sansana Diogo, 25 anos, licenciado em Letras pela Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e petiano de 2013 a 2018. Atualmente trabalha como professor.

Thais de Oliveira Barros, 21 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2018.